



BRUXAS E FEITICEIRAS: UM ESTUDO ICONOGRÁFICO DO CORPO NA IDADE MÉDIA

WITCHES AND SORCERESSES:
AN ICONOGRAPHIC STUDY OF THE BODY IN THE MIDDLE AGE

Amanda Jalloul Guimarães*

Meire Aparecida Lóde Nunes**

Resumo: Na sociedade contemporânea é possível percebermos que as mulheres vêm conquistando seus espaços, dentro e fora dos esportes, e que isso é decorrente das lutas históricas de outras mulheres. Para estudar esses processos, lançamos nosso olhar para a Idade Média. A mulher medieval era tratada como símbolo do pecado carnal, por isso, bruxas e feiticeiras sempre viveram às margens da sociedade alimentando crenças de sua relação com o mal. O objetivo deste trabalho foi analisar a representação corporal feminina que contribui para a construção mental de sua inferioridade por meio das bruxas e feiticeira medievais. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em meio da análise da pintura de Jacob Cornelisz (1472?-1533) denominada *Saul and the witch of Endor*, com delimitações metodológicas nos signos icônicos, linguísticos e plásticos propostos por Martine Joly em *Introdução à análise da imagem*. Para dialogar com a imagem foram utilizadas as obras: *O Martelo das Feiticeiras* de Jakob Sprenger (1435?-1495) e Heinrich Kramer (1430-1505), *Bruxaria e história: as práticas mágicas no ocidente cristão* de Carlos Nogueira e por fim *Dicionário de símbolos* de Jean Chevalier (1906-1993) e Alain Gheerbrant (1920-2013). Entre os principais resultados do estudo destacam-se a inferioridade da mulher medieval, sua relação com o mal e sua responsabilidade por desviar os homens dos caminhos divinos. Com este estudo espera-se contribuir para reflexões sobre o papel da mulher contemporânea e como elas conquistaram espaços dentro e fora do âmbito esportivo, simultaneamente, espera-se que os conhecimentos históricos sobre o papel social das mulheres sejam ampliados por diferentes olhares e áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Mulher. Idade Média. Imagem.

* Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), professora de Ensino Superior na UNIFATECIE. E-mail: amandajalloul@hotmail.com

** Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá, mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professora na Universidade Estadual do Paraná – Campus Paranavaí. E-mail: meire.lode@unespar.edu.br



Abstract: In contemporary society, it is possible to perceive that women have been conquering their spaces, in and out of sports, and that this is due to the historical struggles of other women. To study these processes, we look to the Middle Ages. The medieval woman was treated as a symbol of carnal sin, because of that witches and sorceresses were always marginalized in society, nurturing beliefs about their relationship with evil. The target of this project was to analyze the female body representation that contributes to the mental construction of their inferiority through medieval witches and sorceresses. The development of the research took place through the analysis of the painting by Jacob Cornelisz (1472?-1533) called *Saul and the witch of Endor*, with methodological delimitations in the iconic, linguistic and plastic signs proposed by Martine Joly in *Introduction to image analysis*. To dialogue with the image, the following works were used: *The Hammer of Witches* by Jakob Sprenger (1435?-1495) and Heinrich Kramer (1430-1505), *Witchcraft and history: magical practices in the Christian West* by Carlos Nogueira and finally *Dictionary of symbols* by Jean Chevalier (1906-1993) and Alain Gheerbrant (1920-2013). Among the main results of the study, the inferiority of the medieval woman, her relationship with evil and her responsibility for deviating men from divine paths stand out. This study is expected to contribute to reflections on the role of contemporary women and how they have conquered spaces inside and outside the sports field, simultaneously, it is expected that historical knowledge about the social role of women will be expanded by different perspectives and areas of knowledge.

Keywords: Woman. Middle Age. Image.

INTRODUÇÃO

Ao observarmos a sociedade contemporânea percebemos que as mulheres vêm conquistando espaços em diversos setores que em outros tempos eram ocupados apenas pelos homens. Grande parte desses avanços se deve a declaração universal dos direitos humanos proclamados na assembleia da ONU em 1948. Mas, mesmo diante desses avanços, ainda existem muitos preconceitos que impactam na inserção e valorização feminina no âmbito social. A Educação Física e o Esporte, especificamente, são exemplos da presença dessas mentalidades.

No âmbito esportivo o Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de Abril de 1941 que estabelece as bases de organização dos desportos no Brasil menciona no capítulo IX, art. 54, que: “As mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.”¹ A proibição se referia especificamente ao futebol, mas se estendia a todos que tivessem as mesmas características.

Quando falamos do corpo, dentro da Educação Física, aos homens são designados aspectos como força, potência e coragem; já para as mulheres, lhes é recomendado que não percam a sua “feminilidade”. Portanto, os esportes de contato como lutas, basquete, futebol etc.,

¹ BRASIL. **Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941**. Brasília: Diário Oficial da União, 16 abr. 1941.



são mais bem aceitos a serem praticados pelos homens, para as mulheres permanece a ginástica, a dança e até mesmo o vôlei, onde não existe um contato muito grande entre atletas, desta forma a mulher não feriria a sua feminilidade².

Percebe-se que as situações trazem à tona o papel social das mulheres – dona de casa, mãe. A inferioridade do corpo feminino que, em várias situações busca justificativas no campo biológico, se mantém viva por ser um fenômeno social construído com valores sociais, culturais, ideológicos, morais, econômicos e políticos que revela o domínio masculino. Simões entende que “essas convicções explicariam e justificariam a ‘superioridade natural’ dos homens nas relações com a diversidade social e cultural do esporte moderno”³.

A Educação Física e o Esporte são fenômenos sociais que devem ser compreendidos dentro da historicidade social. Portanto, pensar sobre a inclusão e exclusão das mulheres na Educação Física, de forma geral, é inserir esse problema nos campos de estudo da história do corpo. Desta forma, o estudo do corpo corrobora a compreensão de momentos e pensamentos históricos⁴.

Ao olharmos para as conquistas femininas – decorrentes de outros momentos históricos – percebemos a subversão de muitas mulheres que foram estigmatizadas individualmente, mas que seu comportamento e características foram absorvidos pelo imaginário social. Porém, graças a essa subversão feminina que muitas mulheres encontraram forças para combater os estigmas sociais.

Supõe-se que esta luta pela representatividade do corpo feminino seja remanescente das representações e de construções mentais adquiridas em outros períodos da história. Para Chartier⁵, a história cultural é compreender como em diferentes locais e momentos a realidade social pode ser construída. Pelo termo representação, Chartier entende que o sujeito pode observar o seu passado por meio das imagens na qual lhe trazem experiências⁶.

Um período que se destaca nesta construção mental da inferioridade feminina e da luta de muitas mulheres é a Idade Média – iniciada no século V d.C. e se estendendo por quase mil

² SILVA, Marcelo Moraes; CESAR, Maria R. de Assis. As masculinidades produzidas nas aulas de educação física: percepções docentes. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 24, n. 39, p. 101-112, dez. 2012. p. 103.

³ SIMÕES, Antonio Carlos (org.). **Mulher & esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003. p. 1.

⁴ RANHEL, André Silva. História do corpo na idade média: representações, símbolos e culturapopular. **Veredas da História**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 10-31, 2018. p. 11-12.

⁵ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Algés: DIFEL, 2002. p. 16-17.

⁶ CHARTIER *apud* FLÓRIO, Marcelo. Representações da cidade de Santo Amaro da Purificação nas memórias de Maria Bethânia. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 13., 2016, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Associação Brasileira de História Oral; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. p. 1.



anos. Neste período o corpo feminino era visto como contaminado pelo pecado de Eva⁷, marcado pela ascensão do cristianismo e o crescimento da igreja católica, na qual passou a se concentrar todo o poder espiritual e as crenças que guiavam a Europa⁸. Neste contexto, a percepção sobre as mulheres era muito negativa, sendo consideradas seres inferiores e, em grande parte, associadas a pecados como vaidade e luxúria. O corpo da mulher era considerado a fonte dos pecados carnis⁹. Neste período, o cristianismo se empenhou na identificação e perseguição do inimigo, o Diabo e de seus seguidores. Dentre às milhares de pessoas que poderiam obter este papel, se destaca a mulher, conhecida como a bruxa, serva de Satã, a mulher perversa que levaria os bons homens ao pecado¹⁰.

A sua representação corporal é dividida em dois polos, Eva e Maria. De um lado Eva, a pecadora, sedutora, de outro lado Maria, a redentora, a santa que carrega a beleza sagrada, ao contrário de Eva que contém a beleza profana¹¹. Para a sociedade medieval o mundo da bruxaria e feitiçaria era o mundo do desejo, da carne, sendo ele totalmente ligado com o mal. Este era um mundo das mulheres, que iriam em busca das práticas mágicas para saciar os desejos e prazeres de seus corpos, desta forma seduzindo homens. Deste modo, a bruxa renega a Cristo e se torna servente do Diabo¹².

A bruxaria teria como sua base o pacto com o Diabo, sendo ela considerada um grande mal e contrária a religião oficial, o cristianismo¹³. Porém, sobre argumentos cristãos, a mulher é condenada também apenas por suas características:

Ela é ligada à natureza, à carne, ao sexo e ao prazer, domínios que têm de ser rigorosamente normatizados: a serpente, que nas eras matricêntricas era o símbolo da fertilidade e tida na mais alta estima como símbolo máximo da sabedoria, se transforma no demônio, no tentador, na fonte de todo pecado.¹⁴

Entre os argumentos que justificaram a “caça às bruxas” na Idade Média, destacam-se as questões relacionadas ao corpo. O corpo seria o local para as imundices mundanas, onde o

⁷ MARTINS, Alcina M. de Oliveira. O corpo feminino na Idade Média: Um lugar de tentações. In: **O outro lado do espelho: percursos de investigação**. (CeIED 2013-2017). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2018. p. 139-150.

⁸ NOGUEIRA, Carlos R. Figueiredo. **O nascimento da bruxaria: da identificação do inimigo à diabolização de seus agentes**. São Paulo: Imaginário, 1995. p. 13.

⁹ MARTINS, 2018, p. 4.

¹⁰ NOGUEIRA, 1995, p. 76-80.

¹¹ LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 142.

¹² NOGUEIRA, 1995, p. 82-84.

¹³ NOGUEIRA, Carlos R. Figueiredo. **Bruxaria e História: as práticas mágicas no Ocidente cristão**. Bauru: EDUSC, 2004. p. 56.

¹⁴ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, Jakob. **O martelo das feitiçarias**. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2015. p. 69.



pecado da luxúria atacaria, pois, todo prazer carnal afastaria os homens de Deus¹⁵. Com base nessas considerações delimitamos nosso objeto de estudo: bruxas e feiticeiras medievais. Essas mulheres afrontaram a sociedade em que viviam sendo então consideradas bruxas e pecadoras.

Dessa forma, ao estudarmos a representação da feiticeira/bruxa medieval por meio de suas imagens/representações estamos estudando a construção de um imaginário coletivo, o qual carregamos resquícios até a atualidade. O estudo proposto poderá auxiliar a compreensão de uma mentalidade edificada por suposições que se transformaram em ‘verdades’ e interferiram significativamente na construção social contemporânea. Desta forma, contribuindo para a compreensão da história do corpo feminino, na qual a história do corpo faz parte da Educação Física.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, sendo teórica que, de acordo com Demo¹⁶, é aquela que monta um quadro teórico de referências. É fundamental o domínio da bibliografia e, principalmente, ter análise crítica do assunto abordado. Também é uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com Gil¹⁷, é desenvolvida tendo como material livros e artigos científicos. A pesquisa, ainda, caracteriza-se como iconográfica, pois se utiliza de imagens como fonte para dialogar com a literatura da área.

A primeira parte da pesquisa foi desenvolvida por meio da leitura e fichamento de artigos, livros, entre outros. As principais fontes são: *O Martelo das Feiticeiras*, de Jakob Sprenger (1435?-1495) e Heinrich Kramer (1430-1505), e *Bruxaria e História: as práticas mágicas no Ocidente cristão*, de Carlos Nogueira.

Esta primeira parte tem como objetivo construir o conhecimento para o desenvolvimento da segunda, quando ocorrerá a análise de imagem conforme a metodologia de Joly¹⁸, a qual se baseia no estudo dos signos. Estudaremos os signos: icônicos, no qual podemos fazer analogias com outros elementos; linguísticos, toda mensagem escrita dentro de uma imagem; e plásticos, toda cor, textura e forma de uma imagem. A fonte imagética desta pesquisa é a obra “*Saul and the witch of Endor*” (1526) de Jacob Cornelisz (1472?-1533).

¹⁵ MAZIOLI, Anny Barcelos. Discursos a respeito do corpo no medievo ocidental. In: CONGRESSO INTERNACIONAL UFES/PARIS-EST, 6., 2017, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo; Université Paris-Est, 2018. p. 1179-1196. p. 1183.

¹⁶ DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985. p. 23.

¹⁷ GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 44.

¹⁸ JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007. p. 57-58.



Os resultados estão divididos em três temas, iniciando pela relação da bruxa com o mal, na sequência a relação da bruxaria com a magia, e por fim, a análise da imagem *Saul and the Witch of Endor* (1526), de Jacob Cornelisz (1472?-1533).

A BRUXA E O MAL

Santo Agostinho (354-430) menciona que o mal não provém de Deus e sim da liberdade individual de cada pessoa sobre as próprias escolhas¹⁹. A liberdade é um bem ofertado por Deus, mas o mal é o abuso desta liberdade. Assim, o mal nada mais é do que submeter as vontades às paixões humanas²⁰. Para Santo Agostinho²¹ o demônio é mais culpado pelos pecados cometidos do que o ser humano, pois este é o senhor e chefe de todos os pecados e da morte. Faria²² menciona que o Diabo e seus demônios não podem manipular a obra divina totalmente. Para isso ele teria que utilizar um corpo, este aspecto diferenciaria a humanidade de Deus e os aproximaria do mundo, os tornando mais frágeis.

Santo Agostinho²³ menciona que o demônio consegue levar os homens ao pecado por conta da mortalidade de sua carne, mas, da mesma forma que ele é levado ao pecado, é também possível salvá-lo. O Cristianismo, durante a Idade Média, internalizou a demonização de toda a cultura oposta, denominado como paganismo. Desta forma, criando estereótipos para representar o diferente – no nosso caso, as bruxas. Caracterizadas como figuras mágicas, as bruxas têm sua imagem carregada de aspectos pagãos, associando-as ao Diabo²⁴. Todo o conceito do feminino é construído na oposição do homem, do masculino, conceito este ligado à honra, à virilidade e sua espiritualidade. Já a mulher não teria nenhuma qualidade dos homens e por isso é vista como um ser negativo²⁵. Portanto, o Diabo se aproveitava da fragilidade feminina, um ser considerado carnal, para seus propósitos.

No medievo era considerado que todo humano possuía um corpo sexual, mas sua alma era assexual. No homem, criada a imagem e semelhança de Deus, prevalece a alma, o puro; já

¹⁹ GARCIA, Lucilene Silva. A questão da vontade na filosofia medieval – Um estudo em Santo Agostinho e Pedro Abelardo. In: STORCK, Alfredo *et al* (org.). **Filosofia Medieval**. São Paulo: ANPOF, 2019. p. 59-64. p. 59.

²⁰ SANTO AGOSTINHO. **O livre arbítrio**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995. p. 14.

²¹ SANTO AGOSTINHO, 1995, p. 184.

²² FARIA, Caio A. Toledo de. Onde Reina a Escuridão – A concepção do Diabo no imaginário medieval e sua construção visual. **Revista Trilhas da história**, Três Lagoas, v. 6, n. 11, p. 106-119, 2016. p. 108.

²³ SANTO AGOSTINHO, 1995, p. 184.

²⁴ PLUM, Talita da Costa. **Espelhos deformantes: análise dos elementos pagãos nas representações iconográficas de bruxas e feiticeiras no século XVI**. 2017. 78 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017. p. 53.

²⁵ TORRES, Yasmin G. de Lima. As mulheres, “Bruxas” e o sexo na Idade Média. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG, 1., 2019, Goiás. **Anais [...]**. Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2019. p. 2.



na mulher, criada a partir de uma costela, prevalece o carnal. Assim, justificava-se a submissão feminina ao homem²⁶. Os homens estariam protegidos do crime de bruxaria, afinal, Jesus foi homem²⁷.

Para a sociedade medieval, a mulher que não seguia os dogmas da igreja era a representação do mal²⁸. Tomás de Aquino (1225-1274) justifica a imagem negativa e maligna da mulher com a afirmação de que ela, por natureza, é tentadora e afasta os homens da salvação. A igreja atribuiu regras ao corpo, na qual a virgindade e a castidade eram exaltadas, porém, o clero elegeu o feminino como o maior atrativo para a luxúria e o pecado, sendo a mulher o maior símbolo da carne e da matéria²⁹. O livro *Malleus Maleficarum* menciona a perversão feminina na qual: “[...] a mulher é vista como a tentadora do homem, aquela que perturba a sua relação com a transcendência e também aquela que conflitua as relações entre os homens [...]”³⁰.

A mulher era um ser mais suscetível sexualmente, acreditava-se que quando uma mulher ficasse excitada o Diabo era capaz de seduzi-la a seus serviços e a copular com ela, principalmente com aquelas consideradas bruxas³¹. Aproximar-se de uma mulher, sendo ela quem introduziu o pecado no mundo dos homens (Eva), ameaçava a alma, a mulher era uma ameaça ao exercício da razão. Uma mulher que pensava sozinha só o fazia para o mal³².

Consideramos importante dizer que, apesar de o estereótipo medieval sobre a mulher ser majoritariamente relacionada à luxúria e ao pecado, havia paralelamente a imagem da santa, ou Ave, que contrasta completamente com a imagem da bruxa. Cria-se assim, neste período, uma oposição entre as mulheres que não se guiam pelos moldes impostos pela Igreja e as mulheres que suplantavam suas más tendências naturais ligadas à carne e se faziam santas. Percebemos neste último grupo a influência da imagem de Maria Madalena, como uma pecadora redimida pela religião. Assim, nem todas as mulheres se entregavam às práticas mágicas e de bruxaria. Uma parte delas, mesmo que pequena, conseguia se livrar dos enlevos da carne, da enganação de seus sentidos e se consagrar à religião e à Cristo. Mas a maior parte delas não era capaz de se autodesafiar e resistir à sua feminilidade, vista como inferior, se opondo à natureza masculina, mais ligada ao espírito.³³

O livro *Malleus Maleficarum*, em português “Martelo das Feiticeiras”, escrito pelos monges dominicanos Heinrich Kramer e Jakob Sprenger, publicado no século XV, era um manual

²⁶ PIRES, João D. Avelar. Visões sobre o feminino e o corpo na Idade Média. *Revista Feminismos*, v. 3, n. 2/3, p. 14-23, 2015. p. 18.

²⁷ NOGUEIRA, 2004, p. 175.

²⁸ TORRES, 2019, p. 3.

²⁹ LIEBEL, Sílvia. **Demonização da mulher**: a construção do discurso misógino no *Malleus Maleficarum*. 2004. 75 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. p. 13.

³⁰ KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 68-69.

³¹ TORRES, 2019, p. 6.

³² NOGUEIRA, 2004, p. 174.

³³ PIRES, 2015, p. 6.



criado para identificar e condenar bruxas. Nesse manual, algumas das principais características para se reconhecer uma bruxa, além da negação às práticas cristãs da época, eram marcas e aspectos considerados feios ou estranhos no corpo de uma mulher. Eram então acusadas como bruxas: mulheres velhas, com alguma deficiência, características desagradáveis. Caso uma mulher acusada de bruxaria fosse bela e jovem, acreditava-se que esta não era sua aparência original, e estaria se utilizando de uma falsa beleza para atrair os homens ao pecado³⁴. A bruxa era considerada uma mulher que vendia a sua alma para o Diabo em troca de poderes sobrenaturais³⁵.

Elas também se reuniam às noites para o *sabbat*, uma cópia da missa católica, porém, seu propósito era o mal. No *sabbat* era praticado canibalismo, orgias e principalmente adoração ao mal³⁶. Acreditava-se que os *sabbat* ocorriam nas noites de sábado, sendo desta forma uma tentativa de vinculá-lo com o judaísmo³⁷. De acordo com Liebel³⁸, no *sabbat* elas tinham encontros com demônios, adoravam o Diabo que se apresentava em forma de bode e se entregavam a seus desejos carnis. Desta forma, é natural para a sociedade medieval que a bruxa seja facilmente encontrada em mulheres adúlteras e prostitutas. Pires³⁹ afirma que o *sabbat* tratava-se de reuniões realizadas pelas mulheres, no período noturno, em locais afastados como florestas, onde elas dançavam, adoravam e mantinham relações sexuais com demônios.

Portanto, a mulher era considerada um ser mais propenso aos pecados carnis. A mulher que se afastava dos caminhos divinos, a bruxa, teria um pacto com o Diabo e traria o mal para toda a sociedade medieval. Desta forma, a mulher, estando muito mais propensa às forças maléficas e demoníacas, se transforma em uma bruxa.

REPRESENTAÇÃO DA BRUXA MEDIEVAL

Ao falarmos sobre bruxaria, automaticamente já nos recordarmos das práticas mágicas relacionadas às bruxas em diversas representações contemporâneas. Sendo assim, Nogueira⁴⁰ menciona que não é possível definir em um único conceito a magia, para o autor, existem “magias”. Em alguns conceitos de magia citados pelo autor, ela é vista como uma arte ou pré-

³⁴ AREIAS, Yasmin de Oliveira S. **As bruxas de Goya: a representação da feiura nas artes visuais**. 2018. 50 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. p. 28.

³⁵ TORRES, 2019, p. 3.

³⁶ PORTELA, Ludmila N. Santos. **O Malleus Maleficarum e o discurso cristão ocidental contrário à bruxaria e ao feminino no século XV**. 2012. 122 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012. p. 32.

³⁷ NOGUEIRA, 2004, p. 61.

³⁸ LIEBEL, 2004, p. 61.

³⁹ PIRES, 2015, p. 8.

⁴⁰ NOGUEIRA, 2004, p. 17-18.



ciência, podendo ter ou não um fundo religioso. Outro conceito mostrado é de que a magia seria a busca de um objetivo, por meio de práticas ocultas, podendo ser religiosa ou não, se utilizando das forças da natureza ou de uma força e mundo invisível.

Na Antiguidade a magia estava relacionada com a ideia de força particular atribuída a algumas pessoas, as quais poderiam, inclusive, atuar sobre deuses e divindades porque estava relacionada a ordem da natureza: “[...] a magia se ajustava a uma determinada concepção de mundo onde os homens, os deuses, os planetas, os elementos, os animais, as plantas, se associavam, por intermédio de relações especiais e muito concretas, constituindo o universo um todo simpático⁴¹.

Com o desenvolvimento do pensamento greco-romano foram se cristalizando formas distintas de magia, ou seja, maléfica e benéfica. Essa distinção ocasionou a aceitação e a negação das práticas mágicas condenando “todo o uso de magia com fins maléficos, uma vez que as enfermidades e a morte se acreditavam serem produzidas por atos mágicos com bastante frequência. Por outro lado, a prática da magia com fins benéficos na Grécia e em Roma era considerada como lícita e necessária”⁴². Evidencia-se que a condenação se relaciona com a intenção da prática e não especificamente com relação a natureza da magia.

Essa característica permanece no início da Idade Média orientando a tolerância da Igreja com relação aos costumes da Antiguidade. Durante o processo de cristianização, a postura da Igreja torna-se cada vez mais cética, negando a eficácia das ações mágicas. Com o fim desse processo, a magia se tornou:

[...] uma das crenças intrigantes do sistema religioso pagão, em oposição à religião – de um lado os vícios, de outro as virtudes, impondo uma rigidez moral à imagem do mundo que trazia implícita uma argumentação ética em favor das crenças da ortodoxia cristã.⁴³

Em suma, o paganismo passou a pertencer a esfera do mal e o cristianismo a esfera do bem. Desta forma, toda prática mágica que não estava vinculada a igreja era considerada diabólica, sendo então toda mulher praticante de magia acusada de bruxaria.

Magos e feiticeiras aprendem a arte diabólica de livros, ou através do Demônio ou de outros magos, com seus encantamentos, ritos, cerimônias, caracteres, etc., mas as bruxas não conhecem qualquer arte, não têm livros nem mestres, nem os necessitam, mas é o Demônio que se insinua naqueles que ele suspeita ou sabe serem crédulos, ou imbecilizados pela idade, ou por natureza melancólicos, ou desesperados pela pobreza, e portanto instrumento obediente de seus enganosa

⁴¹ NOGUEIRA, 2004, p. 26.

⁴² NOGUEIRA, 2004, p. 27.

⁴³ NOGUEIRA, 2004, p. 29.



e ilusões e que ele pode assim controlar as suas fantasia com vários fantasmas.⁴⁴

Gevehr e Souza⁴⁵ afirmam que as acusadas de bruxaria, frequentemente, tinham conhecimento sobre plantas curativas e desempenhavam algum papel em sua comunidade. Mulheres mais velhas e as mais pobres, por deterem o conhecimento da cura, eram acusadas de saber enfeitiçar. Parteiras eram consideradas muito perigosas, pois, muitas vezes, eram acusadas de matar os recém-nascidos ou de batizá-los em nome do Diabo. As feiticeiras eram mulheres curandeiras, solitárias ou até mesmo velhas e supersticiosas, pois levantavam desconfiança na sociedade na qual estavam inseridas⁴⁶.

Para a sociedade medieval, a bruxa voava à noite com propósitos sombrios, como se alimentar de crianças⁴⁷. Elas podiam voar por conta dos efeitos de uma espécie de pomada criada a partir dos ossos de crianças, que aplicavam em objetos como cadeiras e vassouras que adquiriam a capacidade de voar⁴⁸. A imagem do caldeirão está muito ligada às bruxas, pois se acreditava que era nele que cozinhavam as crianças. A bruxa era considerada uma mulher histórica, com uma gargalhada estridente e marcante⁴⁹.

Características comuns da bruxa nos finais da Idade Média, como as que se vêem no *Malleus Maleficarum* dos frades dominicanos, Kramer e Sprenger (1484), são o voo mágico, o pacto com o diabo, o assassinato das crianças, a destruição de farinha e de colheitas, a metamorfose animal. É a construção de um perfeito 'bode expiatório', ao qual até a metade do século dezessete, serão atribuídas as responsabilidades por toda a má sorte do Ocidente.⁵⁰

Era comum a representação das bruxas serem de mulheres nuas, pois o nu representa o perigo e o mal⁵¹. A bruxa era uma mulher isolada, que havia fugido ou sido expulsa de sua

⁴⁴ GOLDMANN *apud* NOGUEIRA, 2004, p. 51.

⁴⁵ GEVEHR, Daniel Luciano; SOUZA, Vera Lucia de. As mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**, Ivoti, v. 2, n. 1, p. 113-121, jan./jun. 2014.

⁴⁶ SOUZA, Alexandre Bueno S. de. **Feitiçarias e magias: mulheres negras e as visitas pastorais na Capitania de São Paulo – séc. XVIII**. 2016. 103 f. Dissertação (Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. p. 22.

⁴⁷ PORTELA, 2012, p. 32.

⁴⁸ ALVES, Leonardo de Carvalho. O outro lado e uma nova história da inquisição medieval. *In*: SEMINÁRIO CIENTIFICO DA FACIG, 2., 2016, online. **Anais [...]**. Manhuaçu, MG: UNIFACIG, 2016. p. 7.

⁴⁹ ZORDAN, Paola Basso M. B. Gomes. Bruxas: Figuras de Poder. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 331-341, maio/ago. 2005. p. 336.

⁵⁰ CARDINI, Franco. Magia e bruxaria na Idade Média e no Renascimento. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 7, n. 1/2, p. 9-16, 1996. p. 15.

⁵¹ RODRIGUES, Kethlen Santini. **O surgimento da imagem da bruxa nas artes visuais: Bruxaria e sexualidade nas obras de Albrecht Dürer e Hans Baldung Grien**. 2018. 211 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. p. 16.



aldeia, onde mais tarde seria procurada em suas casas, para ouvir as queixas e confissões daqueles que se arriscavam indo à procura de seus poderes⁵².

ANÁLISE DA IMAGEM “SAUL AND THE WITCH OF ENDOR” DE JACOB CORNELISZ

O imaginário está ligado a construções mentais, estereótipos, nas quais trazem à tona aspectos da cultura de uma sociedade, podendo ser representadas por falas, iconografias etc.⁵³. O termo “imagem” pode ser designado a algo visível, podendo representar um elemento real ou imaginário, como o ser humano ou Deus, por exemplo. Desta forma, uma imagem pode ter um domínio imaterial, ou seja, da imaginação⁵⁴. Quando falamos de imagens, precisamos entender que por trás de cada uma há inúmeros fatores: políticos, sociais, religiosos, econômicos e culturais. Portanto, ao tentarmos compreender uma obra não podemos separá-la de seu contexto histórico⁵⁵.

A imagem de estudo, *Saul and the Witch of Endor*, tem como autor o artista holandês Jacob Cornelisz (1472?-1533), o qual nasceu em Oostsanen, uma pequena aldeia no norte da Holanda. Por volta do ano de 1500 ele se mudou para Amsterdã e permaneceu lá até o fim de sua vida. Jacob Cornelisz recebeu inúmeras encomendas, a maioria delas feitas para instituições católicas. São conhecidas cerca de vinte e sete pinturas e duzentas xilogravuras. Grande parte de suas obras foram perdidas durante a revolta iconoclasta⁵⁶.

Saul and the Witch of Endor foi produzida no ano de 1526, sendo esta imagem um óleo sobre tela, tendo 85,5 cm de altura e 122,8 cm de largura. Atualmente a pintura se encontra em exposição no museu Rijksmuseum, em Amsterdã, Holanda⁵⁷.

O título da obra menciona a passagem bíblica em 1 Samuel, capítulo 28, que relata o momento em que o rei Saul vai ao encontro da bruxa de Endor pedir-lhe que ressuscite o profeta Samuel. É importante ressaltarmos que Saul havia expulsado todas as bruxas e médiuns de Israel, mas ao ser abandonado por Deus, e com medo dos filisteus, vai atrás da bruxa para pedir que ela ressuscite o profeta Samuel. A bruxa atende o pedido e o profeta diz a Saul que Deus o

⁵² AZEVEDO, Gilson Xavier de. Das vassouras aos ramos: o arquétipo das benzedadeiras nas antigas bruxas medievais. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, v. 21, n. 21, p. 119-133, 2015. p. 127.

⁵³ PLUM, 2017, p. 53.

⁵⁴ SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**. Bauru: EDUSC, 2007. p. 12.

⁵⁵ PLUM, 2017, p. 53.

⁵⁶ THYSSEN-BORNEMISZA NATIONAL MUSEUM. **Jacob Cornelisz van Oostsanen**. Madrid, [s.d.]. Disponível em: <https://www.museothyssen.org/en/collection/artists/cornelisz-van-oostsanen-jacob>. Acesso em: 10 ago. 2022.

⁵⁷ RIJKSMUSEUM. **Saul and the Witch of Endor, Jacob Cornelisz van Oostsanen, 1526**. Óleo sobre tela. Amsterdan, [s.d.]. Disponível em: <https://www.rijksmuseum.nl/en/collection/SK-A-668>. Acesso em: 10 ago. 2022.



abandonou por não seguir suas ordens, portanto ele, seus filhos e o exército de Israel pereceriam nas mãos dos filisteus⁵⁸.

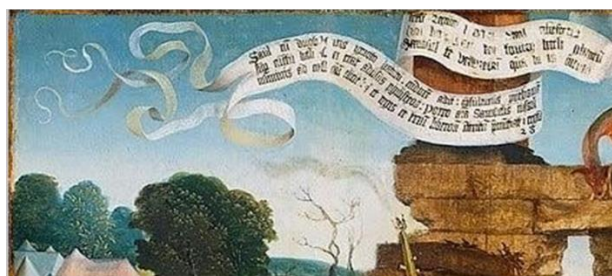
Imagem 1 – Saul and the Witch of Endor.



Fonte: CORNELISZ, 1526 *apud* RIJKSMUSEUM, [s.d.], online.

É interessante notarmos na imagem que, mesmo o título da obra sendo sobre esta passagem bíblica, Saul e a bruxa não estão no centro da imagem. O artista colocou no centro as bruxas, as quais parecem exalar o mal por todo o plano terreno. Essa ideia pode ser pensada por meio da coloração que o artista utilizou na pintura, pelos seres híbridos e demais elementos que se relacionam com o mal.

Imagem 2 – Inscrições – Superior Esquerdo.



Fonte: CORNELISZ, 1526 *apud* RIJKSMUSEUM, [s.d.], online.

Ao observarmos a pintura de Cornelisz percebemos que a bandeira localizada na parte superior da imagem dá a impressão de que toda a narrativa imagética está subordinada a passagem bíblica. Mesmo os escritos em latim não estando totalmente claros, é possível identificar as seguintes frases: “*leest Regum j[...] ghescreven / [...] Saul tot tovery heeft gehev. / Samuel te verwrecke qua. hij te sne.ven*”. Já na parte inferior: “*Saul cu duob [v]iris ignoto habitum endorem adit:[...] consulturus pythone[m] / sup evetu[...] belli Q [...] ei erat adusus philisteos*

⁵⁸ BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. São Paulo: Ave-Maria, ed. 168, 2005. p. 333.



[...]Porro aia [...] Samuelis iussu / numinis ad colloqium [?] elicit r [?] q[?] et regis et triu [?] liberou iteritu [?] pnutiat [?] i regu [...] / 28". Estas inscrições trazem o momento em que Saul se encontra com a bruxa de Endor.

Imagem 3 – Cores do céu.



Fonte: CORNELISZ, 1526 *apud* RIJKSMUSEUM, [s.d.], online.

Em relação as cores, observa-se que nos dois cantos extremos das imagens há uma mudança nas tonalidades do céu. Do lado esquerdo vemos um céu claro, azul, já do lado direito observamos as cores pretas tomando conta do céu e o modificando. Ressalta-se que o preto tem relação com as trevas, com a morte e com vazio. Essa cor é relacionada com o luto, um luto vazio e sem esperança. Ao serem expulsos do Paraíso, Adão e Eva se vestiram de preto, esta é a cor da condenação⁵⁹. Portanto, nota-se que o preto, as trevas, estão dominando o céu, o mal começa a tomar conta de tudo o que seria bom.

Imagem 4 – Presença do Vermelho e do Marrom.



Fonte: CORNELISZ, 1526 *apud* RIJKSMUSEUM, [s.d.], online.

Nota-se uma forte presença do vermelho na imagem, desde as vestimentas das mulheres, até um raio que corta o céu. O vermelho é uma cor infernal, tendo relação com a morte. Essa é a cor do sangue, quando escondido significa a vida, mas espalhado significa a morte. Portanto, o sangue menstrual é algo impuro, pois ele está do lado de fora do corpo e traz maus presságios. Vermelho é a cor que lembra o fogo, o inferno⁶⁰.

⁵⁹ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 740-742.

⁶⁰ CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 944-946.



É possível notarmos que a obra é feita com várias tonalidades de marrom muito presentes. O marrom é um derivado do vermelho, pode indicar a presença do mal e do inferno reforçando o pressuposto de que o mal está tomando conta do plano terreno.

Imagem 5 – Presença do Verde e do Azul.



Fonte: CORNELISZ, 1526 *apud* RIJKSMUSEUM, [s.d.], online.

O verde, presente nas vestes das mulheres, remete-se a uma cor que parece esconder um segredo, pode simbolizar um conhecimento profundo, oculto, do destino. O verde tem relação com o feminino, portanto, possui uma força maléfica. A esmeralda é uma pedra papal, mas também é a pedra de Lúcifer antes de sua queda⁶¹.

A cor azul, presente no céu e nas vestes das mulheres, é uma cor pura, é a cor que simboliza o caminho para o infinito, sugerindo tranquilidade e eternidade. O azul também manifesta uma rivalidade entre o céu e a terra, é o que divide o divino do plano terreno⁶².

Imagem 6 – Seres Híbridos.



Fonte: CORNELISZ, 1526 *apud* RIJKSMUSEUM, [s.d.], online.

No recorte à esquerda, podemos observar dois seres híbridos, metade homem na parte superior e metade bode na parte inferior de seus corpos. Estas criaturas são representações dos sátiros da mitologia greco-romana. Na mitologia estes seres seriam capazes de fazer qualquer coisa por bebida e sexo. Eles sempre buscavam a satisfação de sua luxúria⁶³. No sátiro à esquerda, vemos uma espécie de instrumento musical, dando a entender que ele está em uma

⁶¹ CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 938-943.

⁶² CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 107-110.

⁶³ BRANDÃO, Vanessa Ribeiro. Os sátiros: marginalização ou representação do humano. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, 2011. p. 4.



feira. O sátiro da direita segura um livro, voltado para uma mulher que está à sua frente, no qual esse livro aparenta ter alguns feitiços, o que representa o uso da magia no ambiente.

O ser representado no recorte central tem características de vários animais, carrega consigo uma espécie de escudo e preso à sua cintura uma adaga. Na mitologia grega os demônios eram seres divinos que se assemelhavam aos deuses, depois com as mudanças de pensamentos a palavra foi associada a seres inferiores e a espíritos malignos⁶⁴. Para a sociedade medieval, os demônios seriam seres inferiores, servos do Diabo; estes se encontrariam com as bruxas durante o *sabbat*⁶⁵. No recorte à direita, há três seres diferentes, mais à esquerda um ser com pernas aparentemente de bode, um rosto humano, chifres, e algo como a cabeça de uma raposa saindo de suas costas. Mais ao centro, outro ser com pernas humanas e com a cabeça de um pássaro. Já à direita encontra-se um ser que se assemelha com um pássaro. Entende-se que esses seres sejam demônios, seres inferiores e malignos⁶⁶. Os seres híbridos podem ser observados por toda a imagem, podendo representar a relação com as religiões pagãs e com o próprio mal.

Imagem 7 – Animais: Corujas e Bodes.



Fonte: CORNELISZ, 1526 *apud* RIJKSMUSEUM, [s.d.], online.

A coruja na mitologia greco-romana era o símbolo da deusa Atena, portanto, é possível observarmos mais um elemento das religiões consideradas pagãs dentro da imagem. Em outros escritos, a coruja é associada com a morte, a guardiã de locais obscuros⁶⁷. Portanto, a presença de corujas, sátiros e bodes representam a relação da imagem com o paganismo e o próprio Diabo, o mal para o cristianismo.

Também temos a presença de um bode e uma mulher sentada sobre ele e, mais à esquerda, temos um segundo bode na mesma situação. Os bodes na mitologia grega eram sacrificados em nome do deus Dionísio. Mas, também, eram símbolo de amor, tradicionalmente a deusa Afrodite é representada montada em um bode. Com o cristianismo, o bode se torna uma figura impura, ligada a luxúria, sendo um signo de maldição. O próprio Diabo é representado

⁶⁴ CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 337-338.

⁶⁵ LIEBEL, 2004, p. 42.

⁶⁶ CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 337-338.

⁶⁷ CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 293.



apenas com a cabeça ou totalmente como um bode. Este animal também é uma montaria para as bruxas que se dirigem para o *sabbat*⁶⁸. Desta forma, interpreta-se que a presença destes bodes sugere o domínio da luxúria, do sexo e da montaria de bruxas, onde temos mulheres (bruxas) montadas neles. Essa ideia é reforçada quando destacamos a nudez das bruxas. A grande presença desse mal pode ser uma consequência da desobediência de Saul, que ao não seguir aos comandos de Deus começa a contaminar o plano terreno com o mal.

Imagem 8 – Saul e a bruxa de Endor.



Fonte: CORNELISZ, 1526 *apud* RIJKSMUSEUM, [s.d.], online.

Podemos observar um homem conversando com uma mulher mais velha. Este homem seria Saul, conversando com a bruxa de Endor. Em 1 Samuel, capítulo 28, o rei se veste com roupas simples e busca ajuda da bruxa. Na sequência, observamos um homem que aparenta se erguer de um túmulo, desta forma, acredita-se que este é Samuel, após ser ressuscitado pela bruxa de Endor. Mais à frente é possível vermos pessoas aparentemente surpresas e, ao fundo, se nota uma guerra acontecendo, que, de acordo com 1 Samuel, capítulo 28, da bíblia cristã, seria a guerra de Israel contra os filisteus. Nota-se que em toda a história da passagem bíblica de Saul a bruxa de Endor está em segundo plano, isso se deve ao fato do mal – as bruxas – estarem no domínio daquele local. Saul abandonou a Deus e recorreu ao maligno, desta forma, o mal começa a dominar o plano terreno.

Imagem 9 – Bruxas.



Fonte: CORNELISZ, 1526 *apud* RIJKSMUSEUM, [s.d.], online.

⁶⁸ CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 134-135.



Na primeira imagem temos a presença de duas mulheres, ambas com suas vestes caídas revelando seus seios. As suas identificações como bruxas deve-se pela nudez dos corpos, pois o nu representa o perigo e o mal, e bruxas eram comumente representadas nuas⁶⁹. No recorte central é possível observarmos a presença de quatro mulheres, sendo que uma aparenta estar totalmente nua. Na imagem que segue, vemos duas bruxas aéreas também nuas. A primeira, carregando uma bandeja, está montada em uma carcaça de animal ao invés de seu tradicional objeto voador, a vassoura. Acreditava-se que as bruxas voavam a noite com propósitos sombrios⁷⁰. Este voo só seria possível porque elas se utilizariam de ossos de crianças para criar uma espécie de pomada, onde no que elas passassem o objeto criaria a capacidade de voar⁷¹. Mais ao fundo da imagem, emergindo da escuridão, está a segunda bruxa aérea, montada em um bode, comandando uma legião de seres híbridos a dominar o plano terreno.

A presença de bebida e comida ressalta o *sabbat* como uma grande festa do mal. Uma das bruxas tem algo semelhante a um caldeirão preso a sua cintura, e embaixo da mão da mulher que está totalmente nua temos um objeto que também se assemelha a um caldeirão. O caldeirão é um dos principais objetos associados às bruxas, pois, acreditava-se, que eram neles que elas cozinhavam crianças⁷². Portanto, supõe-se que as mulheres representadas na imagem sejam bruxas pela sua relação com elementos pagãos, representações/símbolos do mal e do Diabo, cores de suas vestes e a nudez. A presença de elementos musicais, o livro de magia, a bebida e comida, e os símbolos da luxúria, como o sátiro, remetem que elas se encontram em um *sabbat*, a reunião das bruxas. Dessa forma, podemos observar o mal dominando toda a terra, cuja origem se credita a Saul, que era um servo de Deus, mas sua desobediência faz com que o mal domine a terra, o qual é liderado pela representação feminina das bruxas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo e análise da obra *Saul and the Witch of Endor* de Jacob Cornelisz, infere-se que é possível observarmos a inferioridade feminina dentro das representações de bruxas e feiticeiras medievais, pois essas eram mulheres subjugadas e excluídas da sociedade. Nota-se também uma grande relação da mulher, bruxa, com o mal, a todo momento ela é relacionada com as forças malignas e com o Diabo. Em suas representações imagéticas, ao lado das mulheres ou em seus corpos, sempre havia elementos que as ligassem com as religiões pagãs e com o Diabo.

⁶⁹ RODRIGUES, 2018, p. 15.

⁷⁰ PORTELA, 2012, p. 32.

⁷¹ ALVES, 2016, p. 7.

⁷² ZORDAN, 2005, p. 336.



Desta forma, é possível pensar que para a sociedade medieval, as mulheres tinham uma relação muito maior com o mal do que pessoas do sexo masculino, sendo acusadas, assim, de bruxas e feiticeiras, condenadas e expulsas do convívio social por isso. Estas mulheres, em suas representações, estavam relacionadas ao Diabo e as forças do mal; elas que trariam o maligno para o mundo. Como é possível observar na obra, é a mulher que comanda o *sabbat*, é também ela que guia a legião de seres infernais para dominar a terra. A obra também demonstra que no desespero de Saul, ao se afastar de Deus, ele busca o mal, a bruxa para lhe ajudar. Portanto, a mulher medieval era considerada um ser inferior, onde teria grandes vínculos com o mal, e é a mulher que levaria os homens ao pecado. Em vista disso, a mulher contemporânea carrega o fardo de ser vista como inferior em assuntos dominados pelos homens, mas, suas lutas históricas, estão mudando este cenário.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Leonardo de Carvalho. O outro lado e uma nova história da inquisição medieval. *In: SEMINÁRIO CIENTIFICO DA FACIG, 2.*, 2016, online. **Anais [...]**. Manhuaçu, MG: UNIFACIG, 2016.
- AREIAS, Yasmin de Oliveira S. **As bruxas de Goya**: a representação da feiura nas artes visuais. 2018. 50 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- AZEVEDO, Gilson Xavier de. Das vassouras aos ramos: o arquétipo das benzedeadas nas antigas bruxas medievais. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, v. 21, n. 21, p. 119-133, 2015.
- BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. São Paulo: Ave-Maria, ed. 168, 2005.
- BRANDÃO, Vanessa Ribeiro. Os sátiros: marginalização ou representação do humano. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, 2011.
- BRASIL. **Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941**. Brasília: Diário Oficial da União, 16 abr. 1941.
- CARDINI, Franco. Magia e bruxaria na Idade Média e no Renascimento. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 7, n. 1/2, p. 9-16, 1996.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Algés: DIFEL, 2002.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

FARIA, Caio A. Toledo de. Onde Reina a Escuridão – A concepção do Diabo no imaginário medieval e sua construção visual. **Revista Trilhas da história**, Três Lagoas, v. 6, n. 11, p. 106-119, 2016.

FLÓRIO, Marcelo. Representações da cidade de Santo Amaro da Purificação nas memórias de Maria Bethânia. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 13., 2016, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Associação Brasileira de História Oral; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

GARCIA, Lucilene Silva. A questão da vontade na filosofia medieval – Um estudo em Santo Agostinho e Pedro Abelardo. *In*: STORCK, Alfredo *et al* (org.). **Filosofia Medieval**. São Paulo: ANPOF, 2019. p. 59-64.

GEVEHR, Daniel Luciano; SOUZA, Vera Lucia de. As mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. **Revista Acadêmica Licenciaturas**, Ivoti, v. 2, n. 1, p. 113-121, jan./jun. 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, Jakob. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2015.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIEBEL, Silvia. **Demonização da mulher: a construção do discurso misógino no *Malleus Maleficarum***. 2004. 75 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

MARTINS, Alcina M. de Oliveira. O corpo feminino na Idade Média: Um lugar de tentações. *In*: **O outro lado do espelho: percursos de investigação**. (CeIED 2013-2017). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2018. p. 139-150.

MAZIOLI, Anny Barcelos. Discursos a respeito do corpo no medievo ocidental. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL UFES/PARIS-EST, 6., 2017, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo; Université Paris-Est, 2018. p. 1179-1196.

NOGUEIRA, Carlos R. Figueiredo. **Bruxaria e História: as práticas mágicas no Ocidente cristão**. Bauru: EDUSC, 2004.

NOGUEIRA, Carlos R. Figueiredo. **O nascimento da bruxaria: da identificação do inimigo à diabolização de seus agentes**. São Paulo: Imaginário, 1995.

PIRES, João D. Avelar. Visões sobre o feminino e o corpo na Idade Média. **Revista Feminismos**, v. 3, n. 2/3, p. 14-23, 2015.

PLUM, Talita da Costa. **Espelhos deformantes: análise dos elementos pagãos nas representações iconográficas de bruxas e feiticeiras no século XVI**. 2017. 78 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.



PORTELA, Ludmila N. Santos. **O Malleus Maleficarum e o discurso cristão ocidental contrário à bruxaria e ao feminino no século XV**. 2012. 122 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

RANHEL, André Silva. História do corpo na idade média: representações, símbolos e cultura popular. **Veredas da História**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 10-31, 2018.

RIJKSMUSEUM. **Saul and the Witch of Endor, Jacob Cornelisz van Oostsanen, 1526**. Óleo sobre tela. Amsterdam, [s.d.]. Disponível em: <https://www.rijksmuseum.nl/en/collection/SK-A-668>. Acesso em: 10 ago. 2022.

RODRIGUES, Kethlen Santini. **O surgimento da imagem da bruxa nas artes visuais: Bruxaria e sexualidade nas obras de Albrecht Dürer e Hans Baldung Grien**. 2018. 211 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SANTO AGOSTINHO. **O livre arbítrio**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**. Bauru: EDUSC, 2007.

SILVA, Marcelo Moraes; CESAR, Maria R. de Assis. As masculinidades produzidas nas aulas de educação física: percepções docentes. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 24, n. 39, p. 101-112, dez. 2012.

SIMÕES, Antonio Carlos (org.). **Mulher & esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003.

SOUZA, Alexandre Bueno S. de. **Feitiçarias e magias: mulheres negras e as visitas pastorais na Capitania de São Paulo – séc. XVIII**. 2016. 103 f. Dissertação (Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

THYSSEN-BORNEMISZA NATIONAL MUSEUM. **Jacob Cornelisz van Oostsanen**. Madrid, [s.d.]. Disponível em: <https://www.museothyssen.org/en/collection/artists/cornelisz-van-oostsanen-jacob>. Acesso em: 10 ago. 2022.

TORRES, Yasmin G. de Lima. As mulheres, “Bruxas” e o sexo na Idade Média. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG, 1., 2019, Goiás. **Anais [...]**. Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2019.

ZORDAN, Paola Basso M. B. Gomes. Bruxas: Figuras de Poder. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 331-341, maio/ago. 2005.

Recebido em: 31 maio 2023.

Aceito em: 22 jun. 2023.